

DUMÉZIL, Georges. *Le Roman des jumeaux*. Paris, Gallimard, 1995.

Entre os papéis, anotações e resumos deixados pelo professor Dumézil, seus discípulos encontraram uma série de 25 “esboços” manuscritos, carregados de rasuras e acréscimos, em torno da questão dos gêmeos mitológicos, nos quais trabalhava em 1986, pouco antes da sua morte.

Seu discípulo Joel Grisward, após um trabalho muito paciente sobre o texto do mestre, deu-lhe a forma de um ensaio – aliás bastante longo – e encaminhou-o para a publicação com o título *Le Roman des jumeaux*. É esta a obra que sai agora pela Gallimard e que encerra e completa a produção do ilustre intelectual francês, autor de pelo menos uma dezena de trabalhos capitais, entre os quais se destaca *Mythe et Épopée*, admirado sem restrições por Claude Lévi-Strauss o qual, juntamente com Dumézil, costuma ser enquadrado na chamada “corrente estruturalista”.

Embora Georges Dumézil dispense apresentações, seria bom lembrar que esse extraordinário lingüista foi o primeiro professor de “Civilização Indo-européia” do Collège de France, onde um funcionário bem-humorado e impertinente – conforme ele relata nas entrevistas concedidas a Didier Eribon – uma vez lhe disse que se tratava de disciplina de “conteúdo inexistente”.

Durante a sua longa vida – Dumézil nasceu em 1898 – o autor de *La Religion Romaine Archaïque*

adquiriu um conhecimento extensíssimo das línguas indo-européias, iniciado graças ao estímulo do pai militar que queria vê-lo latinista; na década de 50 aceitou um cargo de docente na Turquia, apaixonou-se pelo país, e estudou alguns idiomas do Cáucaso, dos quais era um dos pouquíssimos conhecedores em todo o mundo. Uma dessas línguas, que deixou de ser falada na Anatólia quando o último membro de uma determinada comunidade caucasiana faleceu, ficou documentada num caderno de anotações de Dumézil, que a havia registrado cuidadosamente.

Como acontece com todo grande criador, esse notável intelectual francês também se viu apoiado por alguns colegas e denegrado por outros. O indiano Sylvain Lévi, o sinólogo Marcel Granet e o lingüista Émile Benveniste reconheceram a sua importância enquanto um certo número de opositores – a começar por Arnaldo Momigliano – crivaram-no de ataques e de censuras, que se estendiam da metodologia e do conteúdo da obra até uma suposta simpatia pelo nazismo na década de 30. Didier Eribon, que é conhecido entre nós por uma biografia de Foucault publicada pela Companhia das Letras, dissolveu esses mal-entendidos em obra apropriadamente intitulada *Faut-il brûler Dumézil?*

O tema dos gêmeos, que Dumézil começou a aprofundar nesses esboços encontrados por Gris-

ward, é dos mais interessantes de toda a mitologia universal. Pode ser detectado na quase totalidade dos povos de origem indo-européia como, por exemplo, os que se estabeleceram na Índia em época pré-histórica, os germanos da Escandinávia, os latinos, os gregos, os armênios, os iranianos etc.

Às vezes os gêmeos são apresentados de forma perfeitamente simétrica; em outros casos oferecendo uma espécie de oposição: um é escuro e o outro luminoso; um é celeste e o outro terrestre; um é negro e o outro é branco, e assim por diante. Possivelmente representem a dualidade do ser humano, as suas tendências espirituais e materiais, diurnas e noturnas.

Os povos antigos e os grupos chamados “primitivos” sempre viram os gêmeos como algo carregado de força poderosa, às vezes protetora, às vezes perigosa, e foi isso que levou René Girard, entre outros, a apresentá-los como um dos melhores símbolos do fenômeno do mimetismo entre os homens, em particular da sua pior consequência: a violência mimética (*Des Choses cachées depuis la fondation du monde; A Violência e o Sagrado*).

Outro aspecto da mitologia gemelar diz respeito à origem divina de um dos irmãos, enquanto o segundo é apenas um ser humano comum e mortal. Numa obra escrita há trinta anos (*Le Livre des héros, légendes sur les Nartes*; traduzido do osseta com introdução e notas, Paris, 1965), o próprio Dumézil já abordara a questão dos gêmeos e concluíra que, normalmente, na mitologia indo-européia, os heróis gêmeos são benéficos: protegem os mortais de acidentes e perigos diversos e curam as doenças (os Ax-

vins, os Dióscuros etc.). Na Índia, os gêmeos da literatura védica são capazes de rejuvenescer os homens idosos e de torná-los aptos a desposar mulheres jovens.

Segundo Dumézil, os irmãos de sangue, onipresentes nas mitologias indo-européias, ocupam um lugar à parte entre o mundo dos homens e o mundo dos deuses. Justamente por serem eles um divino e o outro mortal, circulam freqüentemente entre os dois planos, estabelecendo um vínculo entre ambos.

É interessante observar o autor em questão, no final de sua vida, debruçado sobre um tema mitológico de natureza essencialmente binária. Isso porque o aspecto mais relevante da sua produção intelectual está relacionado com a formulação, em 1958, da célebre teoria das três funções, que se encontrariam na base da cosmovisão da totalidade dos povos indoeuropeus. Para Dumézil, tanto o mundo divino como o organismo social dessas populações se articulam em torno de uma tríade de formas de ação complementares e hierarquizadas.

Que esse notável pesquisador tenha escolhido, na última fase das suas investigações, o tema dos gêmeos mitológicos para objeto da sua reflexão parece-nos perfeitamente apropriado uma vez que tudo indica serem eles mesmos a ponte que une as esferas divina e humana e na medida em que a sua dupla natureza nos encaminha para a percepção da visão tradicional da condição humana. Não acreditamos que o recuo da influência do estruturalismo sobre o pensamento do nosso tempo possa diminuir o interesse por este ensaio, *O Romance dos Gêmeos*.

Jônatas Batista Neto

Departamento de História FFLCH/USP